4

160 anos de Úrsula

Maranhenses

***ÚRSULA*, O ROMANCE DE MARIA FIRMINA DOS REIS**, publicado em 1859 no Maranhão sob o pseudônimo de "uma maranhense," figura entre coisas admiráveis que encontrei quando comecei a visitar o Brasil em 1982. Na introdução - *Uma Rara Visão de Liberdade* - que apareceu na 3ª edição do livro (Presença Edições, 1988), sublinhei o romance como um momento de destaque na literatura por se preocupar cedo com 'os personagens negros mais do que como um tópico exótico'.

Embora o espaço atribuído a essa preocupação ocupe apenas uma parcela escassa do extenso da narrativa, *Úrsula* afirma a totalidade do negro em um retrato único de sua época ao apresentar esses personagens como indivíduos refinados, pensantes e observadores que, além disso, haviam sido arrancados da liberdade, cultura e história dos ancestrais. O livro detalha igualmente a opressão enfrentada pelas mulheres e, juntamente com sua apresentação temática visionária, é o primeiro do Brasil escrito por um afrodescendente, e é um dos primeiros por uma mulher. *Úrsula* é importante, é claro, em termos da escritura brasileira, mas igualmente na escala mundial e global.

O meu encontro com *Úrsula* aconteceu por uma visita a São Luís do Maranhão. Aquela primeira viagem ao Brasil começou pelo Rio de Janeiro, de onde sabia que queria ir à Bahia e que terminaria minha temporada por alguns dias em São Paulo, onde tive a honra de ser um representante e fazer uma apresentação do ensaio *Johnny Cakes e Alto-falantes que Zumbem*, no III Congresso de Cultura Negra das Américas organizado por Abdias Nascimento. Fora isso, o Brasil era para mim um livro desconhecido, suas páginas ainda não folheadas.

No primeiro ano de pós-graduação, estudei o português e tive uma professora, uma carioca, que era maravilhosamente exigente e extremamente insistente enquanto guiava a turma para a gramática

Charles "Chuck" Martin

Professor de literatura; atuou como chefe do Departamento de Literatura Comparada na Queens College-City University of New York de 2006-2010, onde leciona desde 1993; ministrou o Curso de Extensão: Raízes: Utopia, Imaginário e Identidade em Populações Negras, na Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá, em 1992; lecionou na Brown University; recebeu o bacharel em inglês, em 1974; e o doutorado em espanhol e português, em 1988 pela Universidade de Yale; norte-americano, ele é fluente em português e francês.

Martin também é fotógrafo e cineasta. Como fotógrafo, faz parte do acervo do Museum of Modern Art e outras instituições, e exposições individuais dele foram expostas no Musée National Public d'Art Moderne et Contemporain (Argel, Argélia) e no Musée de la Halle St. Pierre (Paris); Ele expõe com frequência em Nova York na June Kelly Gallery, mais recentemente com Affinity with Brazil: 1982-present (2019). No Brasil, fez expos individuais no Rio de Janeiro, São Paulo e em Mato Grosso.

Prêmios para projetos incluem Artista Residente do Centro de Fotografia em Woodstock; Subsídios e bolsas de estudo do National Endowment for the Humanities, Universidade de Harvard; Universidade de Yale; Fundação de Pesquisa da Universidade da Cidade de Nova York; Fundação Rockefeller; Fundação Tinker e West Virginia University.

cmartinphoto@gmail.com

do português. No final do primeiro ano dos estudos, tive a sorte de ganhar uma bolsa que me levaria ao Brasil. Fui ao Brasil, rumo à cultura negra, especialmente elementos de literatura, música e teatro. Já estava familiarizado com partes da presença e do impacto das culturas negras dos Estados Unidos, no Caribe e umas partes da África Ocidental (especialmente pela literatura na língua francesa, obras como contos de Birago Diop, do Senegal). E queria conhecer os equivalentes, mesmo podendo ser bem diferentes do Brasil, onde achava evidente a presença de afrodescendentes. Foi uma surpresa ouvir, antes de ir ao Brasil e às vezes repetido no país, mesmo, que era um assunto muito nas sombras, com algumas pessoas alegando que a cultura negra no Brasil podia ser medida apenas nas práticas religiosas como o candomblé ou o movimento ágil e fugaz da capoeira. Para alguns, existe a noção de que a cultura brasileira nasceu de uma mistura amalgamada sem costura, uma liga cujas veias haviam desaparecido. De qualquer jeito, queria explorar.

Nas primeiras semanas, logo que cheguei, participei de uma conferência universitária no Rio e encontrei várias pessoas, entre elas, duas de São Luís. Eram um estudante de sociologia e um professor de educação física. Os dois recomendaram São Luís e o estudante falou que se eu fosse lá, havia espaço em que poderia ficar na casa de sua tia, onde ele morava. Eu sabia pouco de São Luís do Maranhão, além de ser um local do Bumba-Meu-Boi, uma informação que ganhei de um professor do curso que eu segui nos Estados Unidos. Uma vez no Brasil, ao reconhecer que sou fã da música reggae, algumas

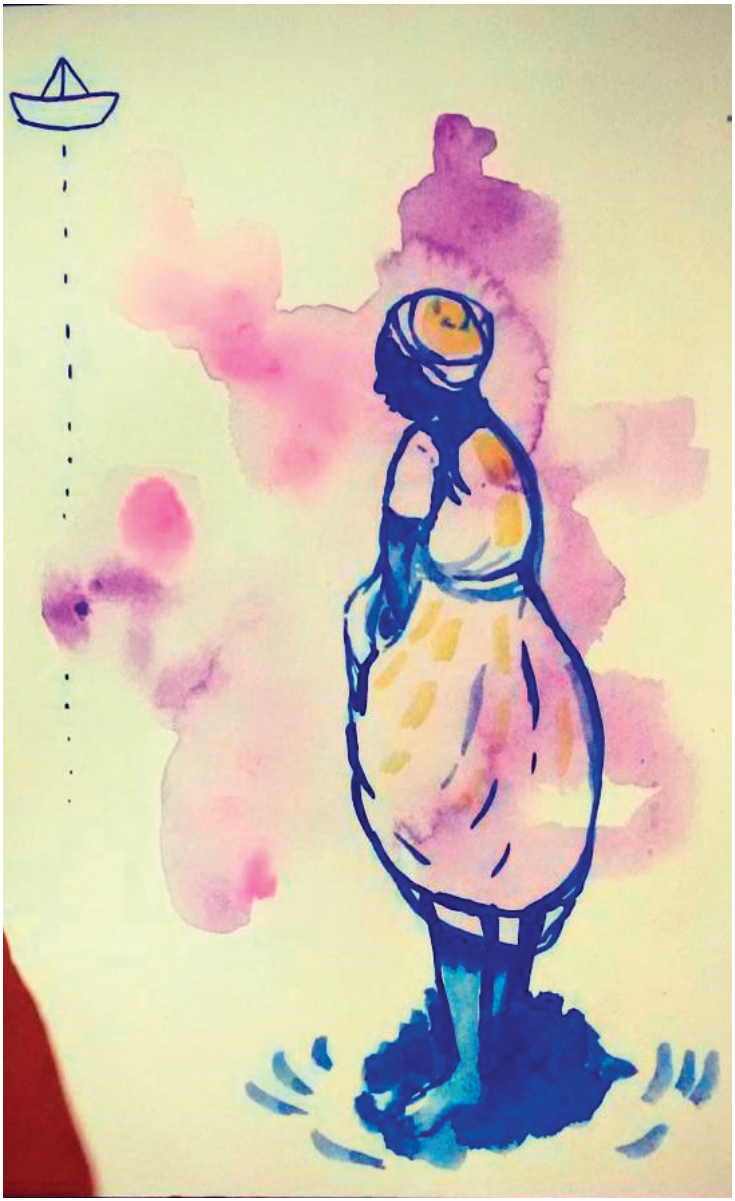
Baque. Carolina Itzá

pessoas me disseram que aquele tipo de música é muito querido em São Luís, que pode ser considerada um berço brasileiro dela. Ao viajar sempre aproveito das dicas de amigos e conhecidos. Como São Luís foi indicado várias vezes, decidi que iria visitar, e depois de algumas semanas e visitas a outros lugares, aproveitei do convite que recebi na conferência e fui para São Luís do Maranhão. Ao chegar, entrei em um pequeno hotel. Quando liguei para meu amigo, ele ampliou o convite e, no dia seguinte, me mudei. Dormiria numa rede organizada em um corredor da casa. Durante a noite, o cachorro da casa circulava passando de vez em quando embaixo da rede. De manhã, quando eu acordava e mexia as pernas um pouco, a rede balançava e uma nuvem de mosquitos começava a voar e procurar outro espaço para aguardar a volta da noite e as atividades picantes deles.

Enquanto houvesse luz do dia, eu andaria pela cidade. Tirei fotos, provei a comida (incluindo os miúdos de porco que, no Brasil, eram tão nojentos para mim quanto aqueles que deleitavam o meu pai em casa na Pensilvânia) e descobri onde havia bumba-meu-boi. Um dia, estava em um café com José Nascimento Morais Filho, escritor maranhense, membro da Academia Maranhense - filho do escritor e acadêmico do mesmo nome - e muito envolvido com tradições e produções do Maranhão. Não me lembro se nós nos encontramos na rua ou no café, mas iniciamos uma conversa e Nascimento Morais Filho ficou fascinado por saber que eu era um estudante de pós-graduação e pesquisava a cultura negra. Ele estava especialmente interessado no meu interesse pela literatura e começou a conversar comigo sobre *Úrsula* e sobre a autora do romance, Maria Firmina dos Reis. Ele insistiu que eu conhecesse o livro, dizendo que sua autora não era apenas negra, mas que ele considerava o livro o primeiro verdadeiramente brasileiro, no sentido de tratar um assunto distintamente brasileiro, e não português. Com referências e tratamento de personagens negros que mostravam seres humanos completos, pessoas que discutiam suas origens e situações, o livro era original. As pessoas sabiam ou descobriram que havia uma continuidade iniciada antes do Brasil. Havia brasileiros escrevendo em português antes de *Úrsula*, mas ele disse: “Maria Firmina foi a primeira a olhar para uma das instituições fundamentais do Brasil, a escravidão, e descobrir a humanidade daqueles que foram forçados a ocupá-la.” Nascimento Morais Filho e eu tivemos muitas conversas (algumas sobre a preservação ambiental, uma paixão dele). Ele me convidou para fazer um discurso, e eu fiz, *Cultura: Negra e Branca*, na Benedito Leite Biblioteca Pública, em julho de 1982. E nessa biblioteca eu li uma cópia da edição fac-símile de *Úrsula* com que ele era tão envolvido, feito em 1975. Ao ler rapidamente, vi que o Nascimento Morais Filho estava absolutamente correto sobre a humanidade que o livro via em seus personagens negros, e que poderia ser importante para meus estudos de pós-graduação - não apenas sobre literatura no Brasil, mas sobre os usos de personagens negros na literatura no mundo. Em geral, a ideia de *Úrsula* ressoou para mim como quase fundamental, muito importante. Por alguma razão, eu não estava feliz com os serviços de fotocópias que pude encontrar, então trouxe uma cópia de *Úrsula* comigo para

a universidade nos Estados Unidos, copiei, e enviei o emprestado de volta ao seu lugar na biblioteca, retornando muito após a data estipulada. Depois, li o livro devagar e com cuidado, ficando cada vez mais impressionado com as caracterizações no romance de seus personagens, entre outros, Túlio, a Preta Susana e Antero.

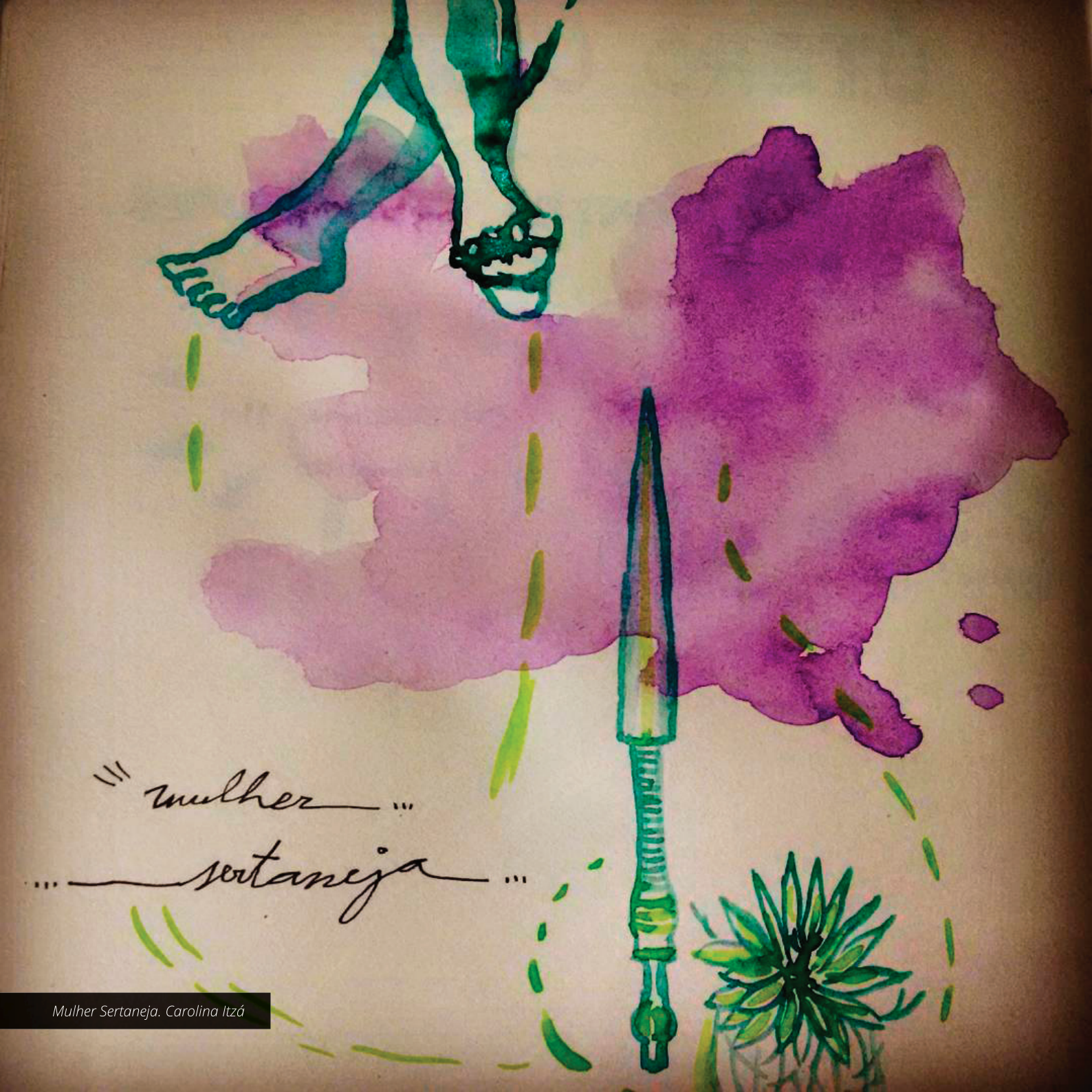
São Luís me ofereceu muito. Eu ouvia reggae em praças, fui para a matança do boi de Bumba-Meu-Boi. Conheci uma senhora idosa de óculos que disse que ela era criança no momento da abolição. Ela disse que a memória dela como criança era de uma explosão de alegria e celebração desse momento. Eu me diverti muito e nunca teria encontrado *Úrsula* se não tivesse viajado a São Luís, onde me encontrei com José Nascimento Morais Filho. Com o tempo, Nascimento Morais Filho e eu perdemos o contato, mas nos vimos pela última vez, muitos anos depois. Voltei para o Maranhão e, por acidente, nos encontramos no aeroporto, onde ele esperava sua filha chegar dos EUA. Conversamos e relembramos um pouco, e foi nosso último encontro. *Úrsula* acabaria se tornando material de um capítulo inicial da minha tese de doutorado que desenvolvia a noção de *The Deminstrelization of Black Figures in Fiction* (A Desminstrelização de Figuras Negras na Ficção), uma consideração de personagens negros selecionados em ficção e poesia de partes do mundo, incluindo o Brasil, o Caribe de expressão francesa e partes da África lusófona. A desminstrelização ganhou seu título em resposta aos shows de menestréis nos Estados Unidos. Onde pessoas se apresentavam maquiadas de preto e ridiculizavam o negro como facilmente assustado, e especialmente aterrorizado



Se quiser me ver... Arrodeia o mar três vezes... Carolina Itzá

por espíritos. Tocavam uma música desafinada e sem qualidade por personagens de caricatura de felicidade tolas - como: um palhaço degenerado, grosseiro, ignorante, mas contente e sorridente. Esses shows surgiram após a Guerra Civil Americana, eram para entretenimento do público branco e, inicialmente, os artistas eram brancos. Eventualmente, artistas negros entraram nessa oportunidade humilhante de negócios e também foram obrigados a se maquiar de preto. Este era o menestrel, e eu estava procurando para o que chamei *Desminstrelização*: a remoção da maquiagem aflitiva e a suavização do passo para levar a sério personagens negros. Eu estava procurando por literatura consciente das vidas emocionais e pensativas de todos os personagens, fazendo deles mais que símbolos desbotados e sim em personagens completos. *Úrsula*, com certeza, é uma parte importante dessa fila. Até em livros muito mais tarde, como *Native Son*, de Richard Wright, representavam em grande parte as dificuldades sociais para o negro, mas mostrando personagens que só conseguiam articular palavras e frases desconexas, e personagens desprovidos de quaisquer vestígios da complexidade encontrada em alguém como o próprio escritor.

Eu estava considerando independentemente do histórico de seus autores, a qualidade de personagens. A cultura geralmente se reflete muito mais do que seja evidente, sem que tenhamos sido informados. Pode ter vários pontos de interesse que podem ou não ter sido pretendidos. Isso, por exemplo, achei ser o caso de aspectos do conto, *São Marcos*, de Guimarães Rosa, que pode oferecer o ponto de vista de um personagem branco brasileiro que tem desdém para um personagem negro que ele casualmente encontra e ofende. É, todavia, cercado e influenciado pela cultura negra que ele não reconhece e nem respeita. Nessa história, vemos que as influências não admitidas, até negadas, podem ser fortes. A negação dessas ações não elimina o fato de sua influência. O caso de Maria Firmina, no entanto, é muito mais claro. Suas passagens e referências de complexidade e plenitude de perspectivas retratadas em personagens negros estão entre os exemplos mais ricos para a época. As partes de *Úrsula* que brilham com a *desminstrelização* são, de fato, apenas alguns capítulos e outras referências ao longo da história principal do livro de amor frustrado entre a personagem Úrsula e o Tancredo, uma narrativa extremamente romântica, uma história de amor que fala diretamente a obstáculos e restrições impostas às mulheres, especialmente através do componente do romance da opressão de Úrsula por Fernando B., um suposto cavalheiro. Mas intercaladas nisso estão as passagens curtas e impressionantes que falam do trio, Túlio, a Preta Susana e Antero, incluindo lembranças do Antero da liberdade na África antes de ser levado ao cativeiro e à escravidão. Também notável para o romance é a linguagem complexa dada aos personagens das camadas sociais exploradas, uma linguagem que um autor como o Machado de Assis teria dado apenas aos personagens de alto nível social. Machado, ele também de ascendência negra, era talentoso e educado de classe média, e criou personagens de dimensões deslumbrantes de psicologia, mas eram personagens que não pareciam como ele. Ele deixou nem um pouco da mentalidade diversa dele entrar em um personagem negro.



Mulher Sertaneja. Carolina Itzá

Enfim, como o meu ensaio se tornou parte da edição de 1988 de *Úrsula*? Um amigo dramaturgo britânico na Escola de Teatro da Universidade de Yale, New Haven, Connecticut, ao saber que eu estava indo para o Brasil pela primeira vez, me deu um contato no Rio. O contato era com a escritora e professora Luiza Lobo. Ela e eu nos tornamos e ainda somos amigos. Mais tarde, Luiza visitou Yale para dar palestras e também fez uma apresentação para uma aula que eu estava dando. Ela ficou interessada no meu interesse por *Úrsula* e, enquanto eu escrevia sobre o livro para a minha dissertação, ela disse que seria uma boa ideia incluir o livro de Maria Firmina na *coleção Resgate*, da Biblioteca Nacional, pela editora *Presença*, onde ela teve o projeto de publicação de vários livros raros. A então nova edição, em 1988, coincidiria com os 100 anos da abolição da escravatura no Brasil (uma escravatura que se diz especialmente brutal nas regiões do Norte, como o Maranhão). A introdução do livro seria extraída do material que eu estava desenvolvendo. Minha introdução enfatizou a atitude que se destaca no romance da humanidade e na história dos personagens negros, Túlio, Susana e o velho Antero.

Atualmente, pensando em *Úrsula*, parece importante ver o romance como um apelo a se livrar de preconceitos do que seja possível alcançar um ser humano. Não se limitando a mulheres ou a cor de uma pessoa, a preocupação deve ser com o que se pode imaginar: Machado não podia imaginar um personagem parecido à imagem dele. Mas, com o exemplo de Machado, vemos que é menos a pessoa e mais a educação, o ambiente. O que a educação incentiva e desencoraja? Como pode uma pessoa ser educada por trilhos tão estreitos que a levem para não se ver? Ou, vendo o eu, desmoronando com a ideia de que mostrar-se seria fatal?Isso, no entanto, não é um apelo à política de identidade, pois não há razão para acreditar que pessoas de qualquer tipo escapem facilmente da noção oposta dela exemplificada por Machado, mas igualmente particular, de se mergulhar em amplificação qualquer de si. Isso também pode resultar em estereótipos de uma maneira ou outra. A negação do eu por um lado, e egoísmo total, pelo outro, as limitações dos dois são severas.

Em *Úrsula*, Maria Firmina rompeu com os padrões de educação, de academias e da "cultura" ao redor, para confrontar os limites do pensamento confortavelmente aceito ou tolerado por vários setores. Para ver toda pessoa como humana completa, a medida da humanidade não pode ser dividida em categorias. Devemos avaliar as pessoas e a produção humana quanto à expansão do conteúdo. Estilo e forma, por mais graciosos ou rudes que sejam, não devem nos seduzir mas, sim, o conteúdo de uma ideia por sua amplitude.

A vida é um encontro com miríades de labirintos, alguns deles admirados por sua complexidade e elaboração cuidadosa. A forma labiríntica pode ser arquitetura física ou manifestações cerebrais - não menos pesadas - como regras e regulamentos da educação, academias, costumes sociais e leis, muitas delas escritas, outras não. Os árbitros - oficiais e clandestinos - podem ter o ar e o status da dignidade e o apoio da autoridade ou, igualmente poderoso, o apoio vigoroso da multidão. Benefícios e recompensas institucionais e pessoais podem ser muitos para quem domina. Pode exigir grandes atos de sacrifício - ou, ao contrário, *small axes* (machados pequenos) da letra do

Areia. Carolina Itzá

Bob Marley - para pensar de maneira diferente, por mais que seja, expor e opor-se aos subornos reconfortantes de poder, posição e status. Thomas More escreveu *Utopia*, mas a sociedade descrita lá, relatada com satisfação ofuscada por um visitante privilegiado, dependia da escravidão de vizinhos e visitantes. O narrador era um visitante excepcional que inexplicavelmente não estava sujeito à escravidão, mas extasiado pela ordem que testemunhou, relatou o bem, apoiou a elite coletiva - os utopianos - e justificou o mal. Thomas More, um personagem de seu próprio romance, encerra o livro dizendo que mais discussões devem ser feitas para resolver os méritos e fraquezas relativos do que o visitante excepcional relatou. Fica para os leitores completarem o livro.

Umas pessoas vivem confortavelmente num labirinto. Alguns não podem. Alguns veem o labirinto, outros não. Alguns o discernem por acidente ou esforço. O labirinto, uma estrada frequentemente percorrida, aparentemente inescapável, pode ser um caminho muito batido, um local onde alguém pode ser espancado, forçado a se contorcer, a se autoapagar. E a acreditar que contorções sinuosas são uma bela e realizada dança de excelência, ganhando assim aplausos, cumprimentos e distinção, até reverência. Esta dança poderia ser outra versão do show de menestréis em um extenso palco elegantemente decorado, pintado para parecer ao ar livre. No meio da dança que aprendemos a fazer, pode ser difícil mudar os passos para desminstrelizar.

Úrsula é um relato desse encontro com o labirinto cujos contornos moldavam - por vezes sutilmente, outras brutal - requisitos de comportamento e pensamento desprovido belamente de direitos. Nos caminhos entrelaçados dentro do labirinto, são necessários diferentes graus de ajuda ou confronto para que os personagens reconheçam suas situações e a possibilidade do melhor, de reformulação, de fuga. Machado construiu labirintos deslumbrantes em sua brilhante ficção e parece que, de muitas maneiras, os habitou. Machado construiu e ingressou na Academia e a carimbou com virtuosismo literário, uma conquista monumental que poderia ter sido ainda maior se ele conseguisse revelar um andar ou um lugar não apenas para si mesmo, como pessoa singular, mas por sua herança. Podemos pensar nele como uma inspiração para fazer ainda mais.

Como leitores, precisamos ser ativos e avaliar não só os textos escritos mas também os da vida. Usá-lo para avaliar a nós mesmos e a sociedade que criamos. Temos que completar o texto, colocar-nos em trabalho, reconhecer o labirinto e não ser apenas espectadores, mas atores críticos que demonstram injustiça, exigem melhorias, *tentam* a humildade, buscam a justiça e a promovem.

Bob Marley, em *Redemption Song* (1980), figura palavras anteriores de Marcus Garvey, e canta

> *Emancipate yourselves from mental slavery.*
>
> *None but ourselves can free our minds.*
>
> (Emancipem-se da escravidão mental.
>
> Ninguém senão nós próprios podemos libertar as nossas mentes.)

Essa é a tarefa, e *Úrsula* faz parte. Maria Firmina e seus trabalhos caíram na obscuridade. Após a publicação de *Úrsula*, mais de 100 anos se passaram antes que o livro fosse literalmente puxado por

Horácio de Almeida de um sebo no Rio de Janeiro, como parte de um lote, e depois chegou à republicação e ao José Nascimento Morais Filho, em São Luís do Maranhão (1975). Porém, o livro não caiu simplesmente na obscuridade, um risco sempre presente; ele foi originalmente assinado sem um nome: só por "Uma Maranhense". Quem sabe o motivo? Modéstia? Não querendo ser tão visivelmente apegado e responsável por uma posição, embora expressa nesse romance, de acentuada diferença e condenação de instituições sociais e jurídicas então atuais? Mas há outra maneira de pensar sobre isso: "Maranhense" pode sugerir não apenas a escritora, mas o leitor que continuaria o trabalho e o edificaria respondendo atentamente, vendo as várias injustiças descritas pelo romance como uns trabalhos a ser remediados na vida. Ao respondermos a Maria Firmina, ampliamos a nossa visão humana.

Não somos todos Maria Firmina. Mas todos podemos ser maranhenses. ▪